



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2012

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

As respostas que se seguem não são consideradas respostas modelo, mas apenas o que se espera que os candidatos abordem e sugestões de respostas.

SECÇÃO A

Responda apenas a **duas** pergunta.

ROMANCE/NOVEL

PERGUNTA 1

1. 1.1 O eu do excerto acima é o narrador, o 'tradutor' de culturas que, assimilado, tem conhecimento da cultura ocidental e da cultura africana, isto é, vive 'entre' as duas culturas. (5)
- 1.2 O filho, o tradutor, é um assimilado, por isso perdeu as raízes e a tradição africanas, razão por que a mãe não o pode ver; não o vê por ele se ter distanciado dos seus. (8)
- 1.3 A mãe representa a terra que não vê o filho por se ter ocidentalizado, no entanto, o filho não imergira totalmente nela, visto que uma parte de si continuava presa à mãe, isto é, uma parte de si não esquecera as raízes africanas. Mia Couto critica o hibridismo cultural dos assimilados, que tinham ficado a meio da ponte entre as duas culturas sem a atravessar nem para um lado nem para o outro. (8)
2. 2.1 O italiano é Massimo Risi, um representante das Nações Unidas que se desloca a Moçambique para investigar o mistério dos corpos dos soldados estrangeiros que subitamente explodiam, e que acaba por não poder explicar o que acontece, mas compreende que as explosões representam uma rejeição daquilo que é estranho ao país. O país rejeita os estrangeiros que têm a pretensão de decidir o que só pode ser resolvido pelos próprios moçambicanos. (4)
- 2.2 O rosto velho de Temporina representa o tempo velho, o passado que se vivera antes da independência; o corpo jovem e apetitoso representa o tempo novo, aquele que surgira com a independência. O povo ainda pensa num passado em que tudo parecia melhor. Temporina encarna a desilusão surgida com a independência, porque os ideais da luta de libertação não se tinham concretizado e, ao mesmo tempo, saudade pelo passado em que o povo vivera, unido, o ideal da libertação. Daí a jovem-velha, uma metáfora visual do que se vivia em Moçambique. (10)

OU

O conflito principal desenvolve-se em duas vertentes: entre os habitantes de Tizangara e o administrador por um a lado, e os estrangeiros, por outro.

Na primeira vertente, os habitantes insurgem-se contra os abusos da administração que desrespeita as ideias da luta de libertação e a cultura local. O candidato deve caracterizar o administrador e focar a corrupção.

Na segunda vertente, os habitantes revoltam-se contra os capacetes azuis, ou por outra, contra o estrangeiro que vem impor medidas, decisões e policiamento no país, daí os rebentamentos dos pénis. Estes representam a total rejeição da cultura estrangeira e também a recusa de miscigenação, isto é, que houvesse descendentes das relações entre os soldados da Nações Unidas e a mulheres locais.

A resposta terá de ser, obviamente, mais desenvolvida.

(35)
[35]

CONTO/SHORT STORY

PERGUNTA 2

1. O conto pode dividir-se em duas partes: Maria Lionça solteira e Maria Lionça casada. Esta resposta terá de ser mais desenvolvida. Aceita-se que os candidatos considerem outras partições para o conto, desde que possam ser logicamente ilustradas à luz do texto e os sentimentos claramente identificados. (9)
2. Maria é a lealdade, a fidelidade, a coragem que enfrenta a maior das dificuldades. O marido e o filho revelam-se cobardes para enfrentar a vida, desertam e fogem. A doença, devido aos vícios, mina-os e morrem. Há uma completa oposição de qualidades. Maria Lionça está imbuída de superioridade moral, de respeito, de dignidade, ao passo que o marido e o filho são a antítese da esposa e mãe. (6)
3. Maria Lionça é um símbolo da própria terra e dos seus habitantes, fortes, lutadores, repletos de dignidade e força moral. Pode dizer-se que Maria Lionça representa a essência da própria terra, um exemplo a seguir tanto por homens como por mulheres. (5)
4. Miguel Torga admirava profundamente os habitantes de Trás-os-Montes, que em todas as suas obras relaciona com a terra. As qualidades que Torga vê nos transmontanos correspondem às características da terra. Os homens são simples, mas fortes e corajosos, lutando diariamente contra uma natureza agreste, que deles exige o máximo para que possam sobreviver, atingindo uma grandeza sem limites. Em contraste com a sociedade urbana, ali descobre o desprendimento, o altruísmo, a compaixão e o afecto simples, mas verdadeiro e espontâneo. As personagens pouco dialogam, mas vivem as suas vidas num ambiente cheio de privações e revelam-se grandes em riqueza humana. O amor à terra é desmedido e puro e é nela que as personagens se realizam, é nela que se sentem inteiros porque é dela que recebem a força para lutar. Entre Maria Lionça e a terra estabelece-se o vínculo que Miguel Torga vê na gente transmontana. (10)
5. O clímax da vida de Maria Lionça liga-se ao filho. Não aceita a possibilidade de o filho ser enterrado longe da terra que o viu nascer, por isso o traz, corajosa e abnegada, à montanha, ao colo, já morto, enfrentando mais uma vez o destino que a marcara para o sofrimento. (5)

OU

A resposta pressupõe a caracterização de Maria Lionça na terra em que nascera, a maneira como se relaciona e se integra na montanha. A conclusão deve focar a intenção da escrita, que é enaltecer os habitantes daquela vila de Trás-os-Montes e, por extensão, os transmontanos. Nestes, destaca-se a figura da mulher viúva em vida, a sua coragem e luta pela sobrevivência.

(35)
[35]

PEÇA DE TEATRO/DRAMA

PERGUNTA 3

1. Espera-se que os candidatos efectuem uma caracterização adequada, que foque também a desilusão com a sociedade e as razões que levaram o Mendigo a esmolar. A sua superioridade, argúcia, inteligência. (8)
2. O Mendigo alude ao boneco de palha para mostrar que, por vezes, as pessoas demonstram um medo excessivo do desconhecido, algo, que afinal, é absolutamente inofensivo. Implicitamente, há a ideia de que se não deve fugir do que se não conhece, mas enfrentar e chegarmos nós próprios às nossas conclusões. (5)
3. Péricles encontra-se na casa de um homem rico, educado e tão culto que o confunde com a sua sabedoria, por isso nunca lhe passaria pela mente que aquele indivíduo pudesse ser um mendigo. Para a sociedade, apenas os pobres são pedintes e consideram-nos pessoas desclassificadas, sem educação, moral e cultura. Espera-se uma resposta muito mais desenvolvida. (10)
4. O candidato terá de abordar diversos tópicos, nomeadamente o preconceito, a injustiça, a crítica à política, ao sistema económico e à sociedade em geral e o apelo ao público. (12)

OU

Os dois espaços são a entrada da igreja, onde o Mendigo-filósofo passa os dias a mendigar. Os candidatos devem efectuar uma caracterização do espaço e nele integrar o personagem, caracterizando-o também integrado nesse espaço e identificando o motivo que o levou a optar a vida de pedinte.

O segundo é a casa em que vive com a mulher e na qual se revela como um indivíduo rico e igualmente filósofo, culto e sofisticado. Os candidatos deverão, também, integrar e caracterizar a personagem, focando que a vida oposta à de mendigo representa a sua vingança da sociedade.

(35)

[35]

35 marks

POESIA/POETRY

PERGUNTA 4

Antes de iniciar a resposta às questões referentes a "Cantico Negro", leia os dois excertos.

"Só por um modernismo assim aberto lutou na «presença» e tem continuado a lutar até hoje: pela liberdade que pertence a cada artista original de forjar ele mesmo, e para si mesmo, as suas leis ou evasões. Melhor: de se não submeter senão aos limites, regras, fugas, caracteres a que o submeta a sua própria natureza humano-artística." (Introdução a uma obra, pág. 109, In História da Literatura Portuguesa, António José Barreiros, 1970:448)

"A tendência para a dramatização, que imprime a tantas poesias de Régio um cunho de diálogo entre planos diferentes, e considerados como irredutíveis, da sua própria consciência [...]" (Historia da Literatura Portuguesa, Antonio José Saraiva e Oscar Lopes 1982:1055)

1. Distinguem-se dois planos: o plano colectivo, o da sociedade, e o individual, o do eu poético. A sociedade prega a vantagem da vida colectiva, calma, com normas. O eu rejeita o que é estabelecido pela sociedade e afirma o valor da busca pessoal. (7)
 2. Sociedade é o conjunto de indivíduos que, unidos pela mesma cultura, desejos e preferência formam uma comunidade coesa. A sociedade estabelece regras desde praticamente que a criança nasce que determinam a sua conduta. A sociedade estabelece a interligação, isto é, os relacionamentos sociais a que, gradualmente, o homem, à medida que cresce, obedece. A sociedade exerce a sanção ao concentrar a sua atenção naqueles que se afastam do meio termo. Este plano desagrada ao eu poético, pois não lhe permite a afirmação pessoal, a escolha do seu próprio caminho e da sua própria identidade. O sujeito poético rejeita convenções, as regras de convívio pessoal, a codificação das condutas sociais e literárias. O eu afirma, abertamente, afastar-se de sujeições e seguir o seu próprio caminho, aquele que se adapta perfeitamente à sua personalidade e exercer o seu desejo de escolha. (7)
- Nota: O poema contém também a crítica literária e a rejeição em comprometer-se com as ideologias literárias da época, tal como José Régio – que nesta composição se pode identificar com o próprio sujeito poético – afirma no primeiro número de Presença. Ao dar este poema, o docente certamente proporcionou o pano de fundo necessário ao discente – embora não ao nível de uma língua materna – de maneira a habilitá-lo a uma interpretação correcta.
3. Considera o homem um ser livre, singular, que tem o direito de se afirmar distanciado do conjunto de pessoas que evidenciam gostos, preocupações, cultura e os mesmos propósitos, organizados sob um único comando. O sujeito poético, porém, recusa-se a aceitar o que a sociedade lhe dita, afirmando a independência pessoal e na qual o homem tem o direito de revelar a sua personalidade e de se deixar conduzir pela sua consciência. José Régio critica implicitamente a ideologia literária vigente, afirmando o direito de dela se afastar e de se afirmar independentemente. (5)
 4. Apontam-se apenas algumas das características, que o candidato deverá desenvolver para poder ilustrar o tema: repetições anafóricas, exclamações e interrogações, hipérbatos, rimas sonoras, agudas ou graves de acordo com o que deseja exteriorizar, ritmo. (9)
 5. Os versos soltos ou brancos associam-se à liberdade de escolha que o eu-poético deseja ter, sem qualquer influência de terceiros e da sociedade. Espera-se uma resposta mais desenvolvida. (7)

[35]

OU/OR

PERGUNTA 5

1. O poema foi escrito antes da independência de Moçambique, daí o eu-poético dizer que a sua nação (Moçambique) ainda não existe. Existe o espaço geográfico ainda colonial. (7)
2. O eu-poético, através da palavra 'irmão', exprime que não antagoniza as pessoas europeias que se fixaram em Moçambique. Considera-as como irmãs e ao mesmo tempo considera-se igual a elas. Cresceram juntos no mesmo país e por isso as considera como filhos da mesma nação que ainda não existe. (7)
3. O sujeito-poético identifica-se com todos os moçambicanos, todos os que vivem sob as amarras coloniais e que as sofrem da mesma maneira. Sente em si próprio, como se também fosse dele, o sofrimento de todos os outros. *tenho no coração/gritos que não são meus somente* (5)
4. O eu da enunciação poética, com estas repetições, pretende lembrar que: 1º Moçambique não é independente, por isso não tem vida como nação; 2º A utilização do advérbio de negação 'não' aponta para a falta de independência do país, submetido ao jugo colonial; 3º O advérbio 'ainda' aponta para a certeza de que Moçambique será um dia independente, aponta para essa certeza, isto é, para o fim do domínio colonial. (7)
5. A conjunção adversativa 'mas' no início da 3ª estrofe reforça a ideia de que, apesar de Moçambique viver sob o domínio colonial, o eu-poético não odeia os que eram considerados 'colonizadores', pelo contrário, considera-os irmãos, filhos da mesma terra. A conjunção copulativa 'e' contém em si a ideia de adição: o eu-poético sente o seu coração cheio de amor, mas não esquece o sofrimento de todos os que vivem sob o colonialismo, portanto esses dois sentimentos complementam-se no íntimo do eu. No entanto, apesar de explicitamente a conjunção copulativa indicar adição, neste caso poderá revestir-se também do mesmo significado de uma adversativa, quer dizer, apesar do amor que sente por muitos, não esquece o sofrimento de tantos outros. O amor não impede o seu raciocínio claro e justo. A interjeição 'Ah!' poderá exprimir sentimentos contraditórios: Dor e amor simultaneamente. Dor pela situação que se vivia e amor por todos, independentemente da sua origem. Desejo de chamar a atenção para a sua maneira de sentir. Aceitam-se outras interpretações caso possam ser verificadas à luz da mensagem do poema. (7)

[35]

35 marks

Total: 70 marks